

O CAMINHO PARA A FILOSOFIA: REFLEXÕES A PARTIR DA MEDITAÇÃO DE MARTIN HEIDEGGER¹

*The path to philosophy: reflections from the mediation of Martin
Heidegger*

Rafael Gargano²

Ler Heidegger adequadamente é pensar com Heidegger, o que também significa perguntar com Heidegger – o que implica, ao mesmo tempo, veneração e rebeldia, pois, para ele, “o questionar é a devoção do pensamento” (GIACCOIA, 2013, p.114).

RESUMO

Esse artigo busca caracterizar o sentido da Filosofia na perspectiva de Heidegger, sobretudo em sua obra *Meditação*. A delimitação dessa problemática será fundamental para compreendermos o projeto radical de uma desconstrução do pensamento metafísico que deixou suas marcas no modo de pensar filosófico ainda hoje. A crítica à metafísica deve vir acompanhada de uma mudança radical da posição do discurso filosófico.

Palavras-chave: Filosofia. Heidegger. Desconstrução. Metafísica.

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe the meaning of Philosophy in Heidegger's perspective, especially in his work *Meditation*. The delimitation of this problem will be fundamental for us to understand the radical project of a deconstruction of metaphysical thinking that left its mark on the philosophical way of thinking even today. The critique of metaphysics must be followed by a radical change in the position of philosophical discourse.

Key-words: Philosophy. Heidegger. Deconstruction. Metaphysics.

O texto *Meditação*, elaborado por Martin Heidegger a partir de uma série de anotações que datam de 1938 e 1939, constitui um trabalho importante na determinação do sentido da chamada *viragem* filosófica do autor a partir dos anos 1930. O sentido dessa viragem se verifica em diversas ques-

¹ DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.254742>

² Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafaelgargano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5241-5860>. Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

tões trabalhadas nesse período, como por exemplo o distanciamento de uma abordagem fenomenológica do homem e da filosofia, uma reflexão a respeito da posição do *ser-aí* (Dasein) no questionamento do sentido do ser e, sobretudo, uma reformulação do sentido da própria filosofia.

É nesse último ponto que nos deteremos mais calmamente. Partamos de um comentário feito por Heidegger sobre a filosofia. Ele diz:

Sua meta não reside na comunicação de um conhecimento, nem tampouco na apresentação de uma doutrina. Sua essência continua sendo apenas *ser* – mas nunca “efetuar” – o saber essencial (preservação da verdade fundada). É apenas assim que a filosofia se encontra em sua essência pertencente ao *seer*. (HEIDEGGER, 2010, p.49).

Percebamos como o trecho acima expõe ao mesmo tempo o modo como a filosofia se efetiva em nosso tempo e o modo como Heidegger pensa sua tarefa. A filosofia se vincula cotidianamente a comunicações e estudos de doutrinas e sistemas filosóficos, transmissão de saberes e disciplina institucionalizada. A filosofia vindoura, essa pensada por Heidegger, deve recuperar algo perdido nesse caminho de sua história. O filósofo alemão é preciso nesse ponto: sua essência *continua* sendo apenas *ser* o saber essencial. Essa continuação, ressaltada pelo filósofo, no direciona ao surgimento da filosofia na Grécia, surgimento este analisado como momento singular, acontecimento único, não como história das condições de possibilidade de seu surgimento.

Do mesmo modo, compreendamos o sentido profundo para o qual deve se direcionar a filosofia: é enquanto saber essencial – nesse caminho – que a filosofia se encontra ao mesmo tempo pertencente ao ser e à sua própria essência. A decisão sobre o caminho a seguir constitui um dos questionamentos urgentes da filosofia heideggeriana desse período. Trata-se de uma crítica à posição do discurso filosófico frente às questões de seu tempo e em relação à própria filosofia. Na era do domínio da técnica³ sobre todas as coi-

³ Em um ensaio intitulado *A questão da técnica*, de 1953, Heidegger reflete sobre a essência da técnica. A pergunta sobre a essência da técnica, daquilo que ela é, distingue-se da própria técnica. Isso significa que não está sua essência em alguma técnica, mas a essência é algo que está em todas as técnicas sem, contudo, se identificar com nenhuma delas. A concepção instrumental de técnica, que busca defini-la a partir daquilo que se apresenta diante de nossos olhos como técnica (ferramentas, utensílios, instrumentos, saberes necessários na operação de determinada máquina, etc.) permite que Heidegger compreenda porque a nossa época busca avidamente um domínio *sobre* a técnica. Entretanto, aquilo que se

sas, a *expertise* filosófica deve nos convidar a uma meditação sobre seu próprio sentido. Sua redução a uma história dos sistemas e doutrinas filosóficas, bem como sua cooptação na instrumentalização do saber afasta sua reflexão das questões fundamentais. Aquilo que é essencial à filosofia é um certo contato e proximidade com o saber essencial, através de um questionamento e meditação profunda sobre o *seer*.

A expressão *seer*⁴ é utilizada por Heidegger a partir dos anos 1930 para se diferenciar da utilização da palavra *ser* dentro da história da filosofia. Pois, sua utilização é sempre acompanhada de um questionamento sobre o *ser do ente* e um encobrimento de seu sentido originário. O *seer* seria o ser em seu sentido radical e profundo, do qual o próprio *ser* (do ente) faz parte. A metafísica é a história do *ser do ente*, e o trabalho filosófico heideggeriano é uma tentativa de *destruição* da história da metafísica em vista da abertura a um *segundo início* a partir do qual a filosofia poderia se refundar enquanto saber essencial. A fim de indicar a radicalidade de seu projeto filo-

apresenta a nossos olhos como manifestação da técnica ainda não constitui sua essência, apesar de ser correto que a técnica seja também o conjunto dos meios para se atingir um fim. Mas, para compreender corretamente o que significa a técnica, diz Heidegger, é preciso compreender aquilo que está pressuposto como seu fundamento. Heidegger dirá: "A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento" (HEIDEGGER, 1997, p.17). O que significa isso? A palavra *descobrimento* deriva da mesma raiz grega *Alethéia*, traduzida por *verdade* como desvelamento. Dizer que a técnica é uma forma de descobrimento é afirmar que sua essência está em um constante desvelar daquilo que está oculto, extrair do dado bruto algo que está presente nele: "aquele que constrói um navio *des-cobre* o a ser-produzido" (HEIDEGGER, 1997, p.18). A técnica não seria somente o instrumento que constrói o navio, mas o próprio movimento de se posicionar frente à natureza com o propósito de desvelá-la. O construtor *descobre*, traz à tona o navio que está aí como algo oculto. Em relação à técnica moderna, considerada também enquanto *descobrimento*, Heidegger reflete sobre sua diferença com o conceito amplo de técnica. A técnica moderna *descobre* como *exploração*, *domínio* e *armazenamento*. É nessa medida que Heidegger poderá dizer que modernidade, a técnica faz a natureza se dispor como algo que está aí para ser *descoberto* e *explorado*. A exploração, em sentido preciso, diz respeito a essa *disposição* constante da natureza ao homem que lança sobre ela seu domínio. Ela passa a ser um *dispositivo*, algo capaz de *servir* a outra coisa, no caso à própria técnica moderna que dispôs a natureza como seu objeto de exploração. Em uma fala feliz, Franklin Leopoldo e Silva dirá: "para o homem moderno, que requer das coisas a satisfação de suas necessidades naturais e instituídas, desocultar é tirar proveito: desabrigar a partir do critério da utilização" (SILVA, 2007, p.371). É nessa direção que é preciso compreender a situação da filosofia diante do domínio da técnica na modernidade.

⁴ Como nos indica o tradutor Marco Antônio Casanova: "Enquanto a metafísica compreende o ser como o ente supremo (*óntos ón*) e como o fundamento último da realidade, o pensamento voltado para a possibilidade de um outro início da filosofia aquiesce radicalmente à impossibilidade de transformar o ser em objeto de tematização e procura acompanhar o ser em seus acontecimentos históricos. Para marcar mais distintamente essa diferença, Heidegger cria uma distinção pautada no modo arcaico da escrita do verbo ser em alemão (Seyn), um modo de escrita que ainda era usual em autores como Fichte, Schelling e Hegel" (HEIDEGGER, 2010, p.11).

sófico, Heidegger opta pela expressão *Seyn*, ou *seer*, em uma possível tradução para o português. Com a palavra *seer* busca-se o originário, o sentido radical esquecido pela tradição metafísica. É em direção ao questionamento profundo do sentido do *seer* que, em larga medida, se conduz a filosofia heideggeriana desse período. Questionar de maneira mais radical, dirá Heidegger, “significa por um lado: elevar ao nível daquilo que há de mais digno de questão aquilo que permaneceu essencialmente inquestionado (a verdade do *seer*, não do ente) [...]” (HEIDEGGER, 2010, p.27). A filosofia, desse modo, não pode se manter alheia a esse projeto. É preciso repensá-la, retirá-la do esquecimento para o qual foi lançado o ser e o questionamento filosófico essencial.

Se de fato a filosofia se tornou metafísica, e a metafísica se tornou a *maquinação* do ente sobre todas as coisas, é preciso retrazar o caminho da filosofia em direção ao começo perdido. A *maquinação*⁵, diz Heidegger, cuja essência é a violência, se desdobra no poder e no domínio. É no campo da técnica que ela encontra sua efetividade:

A maquinação exige em muitos mascaramentos da violência múltipla a calculabilidade de antemão completamente abarcável do apoderamento submissor do ente ao erigir disponível; dessa exigência essencial, mas ao mesmo tempo velada, emerge a técnica moderna [...]. A era da consumação da modernidade já tem como consequência essencial o poder da técnica sobre o ente e sua impotência ante o *seer* e nunca pode estabelecer a técnica como seu fundamento (HEIDEGGER, 2010, p.19).

Maquinação, violência, poder, dominação e técnica organizam também a experiência filosófica da modernidade. Heidegger apontará como o esquecimento da questão fundamental do ser e seu velamento pelo ente lançou sobre a filosofia um outro esquecimento. Ela abandona o pensar e questionar fundamentais para ser apropriada como técnica, disciplina universitária, doutrina útil à vida social e ética. O questionamento sobre o sentido da filosofia em uma época em que tudo parece ser dominado pela

⁵ Sobre a *maquinação*, diz Heidegger: “A essência da maquinação, uma essência constantemente aniquiladora que já se desdobra por meio da ameaça da aniquilação, é a violência” (HEIDEGGER, 2010p.18). Em outra passagem, conclui: “Tudo isso e todas as outras caracterizações da essência do poder, porém, nunca são suficientes para reconhecer a maquinação enquanto tal, isto é, em termos da história do *seer*, como uma forma de *domínio do ser que se recusa e de sua verdade infundada* (HEIDEGGER, 2010, p.20 – grifo nosso).

técnica e pela utilidade permite a Heidegger não só expor sua crítica ao modo como a filosofia se efetiva, mas apontar o modo como a filosofia resgataria seu papel decisivo e originário de questionamento. A filosofia não deve ser identificada com a história da filosofia e dos sistemas filosóficos. O filosofar não se identifica nem se reduz a um compreender o que foi dito por filósofos, mas implica uma certa posição diante das questões fundamentais.

A metafísica começa quando o ser em sua essência é ocultado e camuflado pelo ente. A metafísica se inicia quando deslocamos a pergunta pelo ser e nos questionamos pelo *ser do ente*. É do ente que ainda se fala, e do ser que se esquece. Diante de um tal esquecimento é preciso retornar sobre si mesmo, dobrar-se sobre o irrefletido e lançar-se na busca pelo ser originário, a verdade do seer. A partir dessa exigência desse “salto originário” em direção ao seer, é preciso que se reformule a própria noção de filosofia. É a posição do discurso filosófico que se desloca. O deslocamento do dizer e pensar filosófico leva Heidegger a aproximar a filosofia da arte e da poesia, afastando seu discurso de uma posição de *visão de mundo*⁶ ou *cientificidade*.

Diante da exigência da mudança de posição do discurso filosófico, temos uma consequência: que a filosofia não se apresente como discurso de significação e domínio sobre o *seer* (o ser originário e esquecido pela história da metafísica), mas se apresente como o palco sobre o qual o *seer* pode se essencializar, ou seja, pode se erigir. É nesse sentido que devemos compreender o esforço de Heidegger em aproximar a filosofia da poesia, pois há algo no dizer poético que permite à filosofia reencontrar seu caminho:

Como a filosofia *diz* o seer e, por isso, apenas como palavra está na palavra, e como sua palavra nunca significa e designa apenas o que há para dizer, mas no dizer é o próprio seer, ela gostaria de buscar logo o transbordamento

⁶ Em um parágrafo decisivo, diz Heidegger: “A ‘visão de mundo’ é uma cria da metafísica; e, em verdade, ela só é possível lá onde a metafísica chega ao estado de sua consumação. A ‘visão de mundo’ é uma deformação moderna da metafísica. Seu critério de medida é a esfera pública, na qual qualquer um acha tudo acessível e levanta uma pretensão a uma tal acessibilidade; não se encontra em contradição com o isso o fato de ‘visões de mundo’ serem precisamente por demais ‘pessoais’ e talhadas segundo o ‘particular’; esses particulares se sentem como os quaisquer uns apartados, como homens que assentados em si re-presentam para si uma imagem de mundo e se remetem [...] a uma espécie de orientação” (HEIDEGGER, 2010, p.335).

para o interior da *poesia* como saída de emergência e como recipiente ao mesmo tempo (HEIDEGGER, 2010, p.50).

A filosofia diz o *seer*, mas seu dizer é um dizer *do seer* em sua palavra. Ou seja, é o *seer* que se diz na filosofia. É através de um certo modo de dizer filosófico que o *seer* se manifesta. É mais do que manifestação, é apropriação. O *seer* se apropria do dizer filosófico. Ao mesmo tempo, Heidegger parece nos indicar que o dizer filosófico contém mais do que aquilo que buscar significar e designar. Há um transbordamento, algo que está subjacente ao processo de significação e designação. É nesse sentido que o filósofo aponta o *transbordamento* para o interior da filosofia, mas ao mesmo tempo indicando uma tentativa que sofre resistências: a filosofia *gostaria* de se lançar para o interior da poesia como *saída de emergência*. A filosofia precisa escapar àquilo que ela mesma criou como sua própria destruição. *Dizer* o *seer* sem, no entanto, determiná-lo em um discurso de significação. Dizer o *seer* de um modo tal que o *seer* se mostre no dizer. Pois a posição metafísica do discurso filosófico implica um distanciamento entre o dizer e o que é dito, distanciamento fundamental e fundante da metafísica. A posição do discurso filosófico não é de distanciamento e determinação do *seer*, mas de acolhimento. Entretanto, para acolher, é preciso *destruir* tudo aquilo que se erigiu enquanto maquinação.

Mas, porque a poesia aparece a Heidegger como um dizer privilegiado? O filósofo nos faz a seguinte consideração: “a palavra do poeta fala em meio ao que há de mais familiar e atea seu fogo aí” (HEIDEGGER, 2010, p. 54). A fala⁷ do poeta é aquela que se aproxima mais de perto da exigência

⁷ Percebamos a proximidade dessa discussão com um poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado *Procura da Poesia*. O poeta diz:

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

do novo começo. Ateia o seu fogo, pois abre o espaço da clareira a partir da qual o *seer* pode se essencializar. A clareira é uma expressão amplamente utilizada por Heidegger e referência clara aos *caminhos da floresta*. Expressa “aquilo que precisamos fundar no outro início do pensar e do dizer” (HEIDEGGER, 2010, p.101). A clareira é a abertura ao outro início, o início que permitirá ao *seer* sua essencialização. Em outra passagem fundamental o filósofo afirma:

O projeto inicial da verdade com respeito à *clareira* teve em seu primeiro início, em sua identidade com a circunscrição essencial da verdade à *correção*, aquele elemento não desdobrado que os primeiros gregos designaram no nome e figura da deusa *Alethéia*: algo que traduzimos de maneira simples e pertinente como *desvelamento* e que, contudo, ainda não vislumbramos minimamente em sua inicialidade, desprovidos como estamos do distanciamento histórico adequado (HEIDEGGER, 2010, p.102).

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.

A clareira nos indica a abertura inicial a partir do qual a história da filosofia se constituiu como história da metafísica. A própria ideia de verdade como *desvelamento* pressupõe o desvelado e sua origem clarificante. A clareira acontece, diz Heidegger, “apropriando-se do luminoso” (HEIDEGGER, 2010, p.101). É também ponto de localização, de começo, de segurança. É também o ponto a partir do qual tomamos uma decisão de caminho.

O questionamento sobre a verdade do *seer* deve exigir de nós uma outra forma de relação com a palavra. Por isso a exigência de uma *meditação*. O que Heidegger entende por *meditação*? Diz o filósofo:

[...] na meditação, a filosofia se entrega ousadamente à determinação daquilo que é pré-suposto para ela, daquilo que precisa ser pensado nela e por ela e daquilo que precisa ser fundado em virtude desse pensamento no ser-aí, a fim de *salvar*, mas não resolver assim para o homem o segredo de sua essência (HEIDEGGER, 2010, p.46).

Mudança de posição: a filosofia *se entrega*, ela *serve* como campo a partir do qual o *seer* se funda sem ser a filosofia um fundamento. A meditação seria o salto do pensamento em direção àquilo que é pressuposto como condição do próprio pensar e do próprio filosofar. Mas o salto exigido não visa a determinação e apreensão daquilo que está como pré-suposto, mas um

Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Drummond nos apresenta elementos importantes na compreensão da linguagem poética e, a partir de Heidegger, da necessidade da linguagem filosófica: a poesia *elide* sujeito e objeto, apagando o distanciamento que permite a maquinação, a dominação, a violência, o poder, a significação. Ao mesmo tempo, continua Drummond, o poeta deve ser capaz de se servir como *palco* a partir do qual o reino das palavras vem à tona: *penetra surdamente no reino das palavras*, permitindo que o sentido venha à tona.

enlace com o dado de tal modo que ele se diga através da própria meditação. É a poesia que nos orienta:

A meditação pensante, porém, deve conceber sobretudo a essência da consumação da Modernidade e deixar para trás todo pensar, que precisa permanecer tributário da metafísica mesmo lá, onde ele aparentemente a nega a partir da opinião de que se assenhorou dela por meio de um não mais questionar [...] Mas a “metafísica” - e isto sempre diz aqui: o domínio sem fundo em sua verdade do ser determinado a partir do pensamento como representação – só é superada mais própria e, com isto, recolocada em sua plena necessidade histórica por meio de um questionamento mais originário de sua questão (HEIDEGGER, 2010, p.26-7).

O questionamento mais originário, nos indica Heidegger, é o pensar sem imagens: sem representação. A crítica à representação também diz respeito à crítica àquele que representa para si o mundo. É um duplo deslocamento: da filosofia que se constituiria em um pensar sem imagens, e do homem que se desloca na posição de dizer o que são as coisas e como elas são. Heidegger deixa claro que o pensar como modo de determinação e apreensão do objeto pensado é tributário de uma estrutura metafísica que sobrepôs o ente ao ser e esqueceu o sentido originário do *seer*. Mesmo a posição de um não questionamento ainda deve ser posto em desconfiança. Para o filósofo, não se trata de repensar – um pensar de modo “mais correto” – o sentido do *seer*, nem de abandonar seu questionamento, mas de encontrar um outro modo como a palavra e o questionamento se realizam para que possam abordar o sentido originário da questão do *seer*. Heidegger parece nos indicar que a metafísica é, de algum modo, uma certa posição de discurso, que é preciso abandonar caso busquemos o recomeço da questão do *seer*.

A meditação exigida para a filosofia modificaria, dessa maneira, a própria ideia de filosofia que temos. A filosofia não seria o dizer verdadeiro sobre algo, nem mais se confundir com erudição ou sabedoria, nem mesmo a crítica aos sistemas filosóficos deveria ocupar a filosofia daqui por diante. Heidegger parece guardar para ela um outro lugar: a filosofia, em sua essência autêntica, “é apropriada em meio ao acontecimento como o esforço por pensar o *seer*: ela mesma pertence ao ab-ismo [ab-grund] do *seer* e permanece estrangeira em todas as “culturas” (HEIDEGGER, 2010, p.46). A filoso-

fia não detém o poder sobre o *seer*, mas *pertence* ao seu abismo, daquilo que não tem fundamento e não pode se fundar a não ser sobre si mesmo. A filosofia deve ser colocar como que de modo lateral, destituir-se da posição de determinação de sentido. Deve ela preparar o terreno para que o *seer* se essencie. Ela deve “preparar [...] a única possibilidade de que o *seer* se essencie a partir de si mesmo e lance à sua volta a sua verdade, sem jamais necessitar aí do efeito e do sucesso, sem elogio nem defesa” (HEIDEGGER, 2010, p.56). A filosofia deve se deixar captar pelo *seer*, ser apropriada pelo *seer* que é, ele mesmo, acontecimento apropriativo. Não é a filosofia que diz o sentido do *seer*, mas o sentido do *seer* se diz na filosofia. Mas, o que devemos entender por *acontecimento apropriativo*?

Por acontecimento apropriativo (*Ereignis*) devemos entender um acontecimento singular “no qual o homem conquista radicalmente o seu próprio” (HEIDEGGER, 2010, p.16) ou seja, é o acontecimento que descreve a “apropriação de si mesmo por parte do homem enquanto ser-aí [...] a partir de uma tensão entre ser-aí e ser que se resolve sempre historicamente por meio de uma dinâmica de essencialização do próprio ser” (HEIDEGGER, 2010, idem). A *Ereignis*, nos diz Françoise Dastur, é “uma nova concepção de ser, considerada não mais como o fundamento do ente, mas como o desdobramento do clarear [l’*éclaircie*] a partir de uma ocultação abissal” (DASTUR, 2011, p.62). Deslocamento do ser em relação ao ente. É preciso refletir sobre o ser em seu sentido profundo e esquecido, *seer*. A *Ereignis*, diz Dastur, é o acontecimento que produz o « copertencimento » rigorosamente inseparável do homem ao ser” (DASTUR, 2011, p.9). Em outras palavras, como nos afirma a tradutora do Heidegger, Irene Borges:

[...] o que, nesta história, se propicia e acontece (*ereignet*) é aquilo a que, noutros escritos, Heidegger designou como uma dedicação (*Zueignen*) e apropriação (*Aneignen*) recíprocas: a do ser que usa (*braucht*) ou se serve do homem, apropriando-se dele para “aí” aparecer; e a do homem, que nesse serviço prestado ao ser, exerce a sua essência própria como “aí-ser” (*Dasein*), sendo o “aí do ser”. A esse singularíssimo “acontecimento de apropriação”, pelo qual se institui o *Dasein* como tal, chamou Heidegger, a partir de 1936, *Ereignis* [...] (HEIDEGGER, 2002, p.XII).

Na obra *História do Ser*, 1938/40, Heidegger nos indica uma outra dimensão do acontecimento apropriativo: “A decisão é, quer dizer, acontecer-apropriador como evento apropriador ao ser-aí ou subtrai o ser (Sein) a toda verdade” (HEIDEGGER, 2011, p.84). O acontecimento apropriador como uma *de-cisão*. O que seria isso?

De-cisivo, quer dizer, aquilo que abre pela primeira vez a única decisão e lança para o futuro, é apenas o seguinte: se o seer mesmo (o seer do ente possível na totalidade) chega anteriormente à sua verdade fundada ou se é sombreado e anoitecido pela mera realidade efetiva e pela efetividade do ente (HEIDEGGER, 2010, p.45).

A decisão implica uma escolha do caminho a seguir. Mas essa escolha não pertence ao homem, pertence ao *seer*. Ou seja, há um deslocamento da posição do homem frente ao decisivo. A decisão implica a libertação e a rememoração do *seer*, esquecido por trás do ente:

O seer de-cide; em sua essência e como tal, ele se desvincula para o acontecimento da apropriação[...]. Como recusa, o seer arranca a si mesmo de toda cisão segundo o modo de ser do ente distinto; ele não se deixa mais nomear “metafisicamente” como ser “do” ente, equiparado ou apenas precedido ou mesmo acrescentado a ele (HEIDEGGER, 2010, p.45).

Por isso, se cabe alguma decisão ao homem, essa decisão vincula-se a uma mudança de posição em relação às questões fundamentais. O filósofo tem uma decisão: continuar seu percurso de crítica filosófica dos sistemas ou se colocar no caminho – aberto pelos gregos – de questionamento fundamental da verdade do *seer*. O acontecimento apropriador modifica assim a própria filosofia, que passa a ser *meditação* e não discurso de poder e maquinação. A maquinação, diz Heidegger, “implica a factibilidade do ente, uma factibilidade que a tudo faz e constitui de tal modo que nela, pela primeira vez, se determina a entidade do ente abandonado pelo seer” (HEIDEGGER, 2010, p.18). A maquinação é o domínio, o poder e a violência que a tudo abarca e determina. A maquinação engaja também o *ser-aí*, impedindo que ele se lance verdadeiramente na pergunta originária do sentido do *seer*. Seu modo habitual de pensar, ainda metafísico, é parte da maquinação. Não por menos, dirá Heidegger, o evento apropriador implica a “destruição da maquinação” (HEIDEGGER, 2011, p.39). A maquinação é o “soterra-

mento de toda decisão” (HEIDEGGER, 2010, p.18-9). Contra a maquinação, a meditação:

[...] na meditação, o homem adentra – perguntando ante si mesmo – a verdade do *seer*, e introduz, assim, a “ele mesmo” na transformação essencial que emerge daí: na expectativa com respeito ao ser-aí. Meditação é ao mesmo tempo a libertação da “liberdade” do “sujeito”[...] (HEIDEGGER, 2010, p.47).

A verdade do *seer* é como uma floresta na qual o homem adentra, sobre a qual não teve e nem terá nenhum poder de determinação. Seus caminhos são indiferentes ao homem, seu fundamento é si mesma. O homem se transforma, é apropriado pela verdade do *seer*.

“Filosofia é fundação”, afirma Heidegger, pois fundadores “são aqueles que, transformando-se a essência do *seer*, trazem sua essenciação para o fundamento de uma essência originária da verdade” (HEIDEGGER, 2010, p.58). A filosofia é fundação, não fundamento. A fundação torna possível o erigir de algo. Percebamos como a posição da filosofia frente à questão do *seer* é recolocada por Heidegger. É sobre um certo modo de questionar e abordar a questão do *seer* que Heidegger orienta a filosofia. Trata-se de um retorno do filosofar às questões anteriores àquelas colocadas pela metafísica. Trata-se de tornar possível a abertura a um outro início a partir do qual as verdadeiras questões podem ser colocadas:

É só quando a filosofia dá início ao movimento de pensar o ser não mais primeiramente e apenas com vistas ao ente, como a sua entidade, mas a questionar previamente a verdade do *seer*, que a automeditação aparentemente acessória se mistura puramente com sua essência. (HEIDEGGER, 2010, p.62).

O ataque de Heidegger ao modo como a filosofia foi sendo apropriada no interior da técnica e da lógica da dominação denominada de *maquinação*, destitui a filosofia de seu lugar de erudição, para recolocá-la na trilha perdida pelo primeiro início definidor do percurso metafísico. Eis uma passagem onde o filósofo expõe de modo claro o modo impróprio do pensar filosófico e o seu modo legítimo:

A filosofia⁸ não trata “de” algo, nem “do” ente na totalidade, nem “do” seer. Ela é o dizer sem imagem “do” próprio seer, um dizer que não enuncia o seer, mas com o qual o seer antes se essencializa. A filosofia é um tal dizer ou ela não é absolutamente nada. O resto permanece erudição circunstancial, que se equivocou em seu objeto e, por isso, nem “serve” ou traz algo para a ciência, nem sequer toca jamais, mesmo que tangencialmente, uma decisão na filosofia (HEIDEGGER, 2010, pp.63-64).

A filosofia não é uma técnica nem serve à técnica. Ela não diz algo como aquilo que está em seu domínio, em seu campo de conhecimento. Ela é um dizer sem imagens, sem representação. O sujeito pensante não detém as coordenadas do objeto, não determina seu modo de aparecer nem os limites de seu aparecimento. A filosofia não está *diante* de seu objeto. Heidegger vai além: a filosofia é um dizer que não enuncia o *seer*, ou seja, não o detém em seu enunciado, mas um dizer – como o dos poetas – que torna possível seu acontecimento. Por isso a crítica à erudição: ela é um dizer sobre as coisas, sobre todas as coisas. Mais: ela é um saber que se afastou do pensar originário da filosofia. Seu questionamento atinge a superfície da questão originária, pois o modo como se relaciona com a verdade ainda é o da apropriação e dominação. Por isso Heidegger insistirá: [...] a pedra de toque mais dura apresenta-se para o pensador: o fato de, com todos os seus enunciados, ele ainda não se movimentar nem mesmo na região do questionamento” (HEIDEGGER, 2010, p.64). Há um questionamento primordial que precisa ser resgatado pelo pensamento filosófico, sem o qual ela permaneceria enquanto um conhecimento modelado pela técnica.

Heidegger falará de um *salto* do questionamento filosófico. Saltar é transpor e deixar para trás. Não se trata de uma transição, dirá o filósofo, com se a filosofia fosse conquistando lentamente seu campo mais originário:

⁸ Eis uma passagem fundamental para compreendermos o projeto filosófico de Heidegger: “Como a erudição e a maestria escolar vêm determinando há muito tempo a opinião pública sobre a “filosofia”, sobre as “correntes filosóficas” e suas “confrontações” e como a época atual, de acordo com a vitória definitiva do historicismo, se fixa cada vez mais decididamente em tais opiniões, o que significa aqui de maneira cada vez mais desprovida de decisão, é necessário um desprendimento expresso do presente. Isto significa, porém: nós precisamos do saber sobre o modo como o presente sem comporta em relação à filosofia e à sua história” (HEIDEGGER, 2010, p.68).

A filosofia, que prepara o outro início, não alcança sua posição fundamental e, por meio daí a sua essência por meio de uma transição compensatória, mas apenas por meio de um salto para o interior de um questionamento totalmente diverso, o que estabelece um fosso entre o pensar da história do *seer* e a metafísica (HEIDEGGER, 2010, p.65).

A decisão da qual Heidegger fala é a tomada de posição frente a dois caminhos: a maquinação enquanto história da metafísica ou a história do *seer* enquanto conquista do solo originário. Tudo se passa como se a própria ideia de filosofia fosse sendo desconstruída por Heidegger na medida em que sua reflexão opera um desmonte daquilo que se apropriou da filosofia. O filósofo alemão parece se colocar em oposição a um uso, por assim dizer, instrumental da filosofia. Um uso que torna a filosofia parte da maquinação, um objeto manipulável e utilizável, mantendo-a afastada de seus verdadeiros questionamentos:

[...] a relação de nossa época com a filosofia já é há muito tempo em si confusa. As possibilidades de “formação” remetem de antemão a filosofia para o interior dos “objetos” da “formação”, quer essa formação seja considerada no sentido essencial da configuração vital segura de sua medida ou no sentido inessencial de um ter-sido-formado fragmentário. Neste caso, a filosofia permanece sempre um “objeto”, uma “força”, um meio, que é considerado com atenção, tomado e utilizado no interior dos círculos fixados das instalações das posições de poder do homem (HEIDEGGER, 2010, p.69).

Percebamos: trata-se novamente de uma *relação*. O modo como nos relacionamos com a filosofia determina, em larga medida, seu destino. A filosofia enquanto questionamento originário dá lugar à filosofia enquanto saber prático ou técnico capaz de compor outras disciplinas e ser apropriada como objeto de conhecimento nos mais diversos domínios. Por outro lado, tudo se passa como se a apropriação da filosofia pela técnica e poder fosse o resultado também de um certo afastamento da filosofia de si mesma. Os filósofos, diz Heidegger, há muito tempo abandonaram as questões primordiais e se concentraram cada vez mais no pensar sobre aquilo que foi pensado. Ao que parece, um dos alvos de Heidegger parece ser a filosofia universitária de sua época. Os trabalhos filosóficos passaram a ser determinados por uma lógica construída a partir de instituições de poder que determinam a

maneira como o pensamento deve se conduzir para que se tenha adequadamente um trabalho filosófico.

Novamente trata-se de uma mudança de posição do discurso filosófico. O abandono da crítica deve ser compreendido como o abandono de uma certa posição ocupada pela crítica e pelo questionamento filosófico. Não se trata de evitar o questionamento, trata-se de questionar de outro modo. Não está em questão se um filósofo fez ou não algo correto ou falso,

[...] mas se *conseguimos* repensar a *verdade* de seu pensamento, isto é, se conseguimos *copensá-lo* de maneira mais originária (não mais correta). Questionar e dizer de *maneira mais originária* não significa pensar de “maneira mais correta”, mas reconquistar a cada vez a necessidade do questionamento do que há de mais questionável e ousar, a partir dele, arrojá-lo em uma necessidade (HEIDEGGER, 2010, p.75).

O modo como abordamos o pensamento de outro filósofo determina, de alguma forma, o salto de nosso questionamento para as questões importantes. Se tomamos um filósofo como um *objeto* de estudo, não questionamos e refletimos de maneira originária, pois nos posicionamos fora de seu pensamento ao tomá-lo como objeto. Nos tornamos o sujeito cognoscente que se lançará sobre sua obra como quem se lança no domínio de um objeto. Heidegger parece nos indicar um outro caminho. É preciso questionar *junto*, e não questionar *sobre*. O *coquestionamento* permite que a reflexão daquele com quem questionamos juntos seja o solo da reflexão, não o objeto. Entretanto, o *coquestionamento* não é uma repetição, mas uma ousadia que nos lança para o não-pensado que torna possível o pensamento. Por isso o filósofo poderá dizer:

[...] Não e nunca refutação (essa é a “blasfêmia” propriamente dita em relação aos filósofos, isto é, o mais pesado “desrespeito” à sua essência), mas sempre e a cada vez apenas a sondagem do fundamento, o risco do abismo do seer, do seer como abismo (HEIDEGGER, 2010, p.75).

A refutação ainda se mantém no campo da decisão sobre o verdadeiro e o falso, na disputa sobre o dizer correto e incorreto. A filosofia é algo que se direciona além desse ponto. A envergadura de uma reflexão filosófica se mede pelo alcance do pensamento no caminho da verdade do *seer*. Pois, a refutação sempre nos coloca diante de uma decisão sobre o que é o verda-

deiro e sobre qual é o seu parâmetro. O verdadeiro, assim, já se encontra definido, pronto e acabado. É também uma outra relação com a verdade que Heidegger propõe. No parágrafo 42 da *Meditação*, dirá sobre a verdade: “sua essência não reside na correção e na restituição do ente, não reside na certeza e segurança do ente [...] sua essência reside na *clareira do ser*” (HEIDEGGER, 2010, p.111). Concluirá dizendo: “com isso, é exigida de nós uma relação totalmente diversa com a *verdade* (HEIDEGGER, 2010, p.111).

As questões aqui apresentadas reaparecem, de algum modo, na conferência *Que é isto – a filosofia?* pronunciada em 1955. Heidegger nos fornece outras indicações do modo como concebe a filosofia. A pergunta pelo sentido e essência da filosofia – indicado pela pergunta sobre *o que é* – dá ao filósofo a ocasião de refletir sobre a própria origem da filosofia. É somente retornando ao sentido originário da palavra grega *philosophia* que resgataremos o sentido da filosofia e do filosofar. Interessante notar como a pergunta sobre *o que é* a filosofia indica também algo inerente à reflexão filosófica: a busca constante pelo início. Não no sentido de um *começar novamente*, mas no sentido de se pensar a reflexão filosófica a partir dessa necessidade de vincular-se ao começo e ao originário.

O sentido da filosofia deve ser buscado na própria linguagem grega. Ela é o caminho. A filosofia e o filosofar é o pertencimento a esse caminho. Se filosofa na medida em que insere no caminho aberto pelos gregos. A filosofia, assim, não é uma explicação sobre as coisas – Heidegger concebe essa forma de pensar característica dos sofistas – mas um certo modo de colocar o questionamento que permite ao mesmo tempo que o próprio questionamento filosofe em si mesmo e por si mesmo. O que isso significa? Dirá Heidegger:

Uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer, do que falam [...]. Nós devemos vir com nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho. Nosso falar deve co-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados (HEIDEGGER, 1979, p.217).

A fala filosófica é co-respondência, não explicação. Evidentemente a explicação pertence à filosofia, mas sua essência é a co-participação e co-reflexão. É dessa forma que devemos compreender que a filosofia é uma “privilegiada maneira de dizer” (HEIDEGGER, 1979, p.221). Um texto filosófico não se apresenta diante de nós como uma explicação, mas como uma reflexão sobre o sentido do *seer*. A investigação filosófica deve tomar esse caminho, e investigar – tendo esse caminho como horizonte – o alcance e o aporte de uma reflexão filosófica. Entretanto, o co-responder não é um responder da mesma maneira. A co-respondência implica uma ultrapassagem. A filosofia só co-responde “quando essa co-respondência se exerce propriamente e assim se desenvolve e alarga esse desenvolvimento” (HEIDEGGER, 1979, p.218). Por isso o sentido da palavra co-responder guarda em seu interior a ideia de um “ser dis-posto [...] entregue à serviço daquilo que é” (HEIDEGGER, 1979, p.219).

Devemos ter no horizonte que o filosofar em Heidegger é também uma *destruição* ou *desconstrução*, como optaram os franceses. A confrontação filosófica, dirá Heidegger, deve implicar esse trabalho de desconstrução do pensamento confrontado. Mas uma tal desconstrução não implica destruição (aniquilação), nem mesmo um demolir como algo falso. Mas implica uma abertura por onde o pensar pode se instaurar e interrogar de modo mais originário do sentido do *seer* que ali se aloja:

Em essência, a confrontação é, em verdade, respectivamente *superação*; só que o termo *superação* não pode ser pensado aqui no sentido de um deixar para trás por meio de uma refutação em favor, inclusive, de um progresso. Não é o pensador que é superado, o pensador com o qual se busca a confrontação. Superados são sempre muito mais aqueles que ousam a confrontação; superado é o perigo e o afã do mero apoiar-se e assumir, do não mais questionar e do mero reportar-se a algo decidido. No questionamento, em contrapartida, o pensador com o qual se busca a confrontação retorna à sua posição fundamental e se torna alguém digno de questão; e isto de tal modo, em verdade, que seu questionamento mais próprio se destaca da vinculação aos “resultados”, às “doutrinas” e “proposições” aparentes e, enquanto algo assim liberto, se mostra ele mesmo pela primeira vez como a libertação do pensamento para o interior do campo de jogo da suggestionabilidade do que há de mais questionável – um assinalamento questionador, descobridor ao “ser” (“destruição” em *Ser e Tempo*) (HEIDEGGER, 2010, p.75).

O que deve ser ultrapassado é o mero dizer o ente, o questionamento que se apoia naquilo que já está de-cidido. A de-cisão, vimos acima, implica a assunção de um caminho em direção ao questionamento originário do *seer*. Ora, é essa perspectiva que Heidegger nos aponta em *Ser e tempo* com a ideia de *destruição*. Partindo da crítica à metafísica e ao modo como seu projeto velou a questão fundamental sobre a filosofia, Heidegger definirá destruição dizendo:

Se se deve obter para a questão-do-ser ela mesma a transparência de sua própria história, então é preciso dar fluidez à tradição empedernida e remover os encobrimentos que dela resultam. Essa tarefa nós a entendemos como a *destruição* do conteúdo transmitido pela ontologia antiga, tarefa a ser levada a cabo pelo *fio-condutor da questão-do-ser* até chegar às experiências originárias em que se conquistam as primeiras determinações do ser, as determinações diretoras a partir de então (HEIDEGGER, 2012, p.87).

A destruição, assim, percorreria o caminho de um retorno ao originário, algo como uma refundação, mas de tal ordem que o fundamento seja o próprio essencializar-se do *seer*. É preciso, desse modo, que o *ser-aí* seja como que *apropriado* por essa orientação e se lance em um salto para o desdobrar de um segundo início. Todo evento apropriador (Ereignis) implica do mesmo modo uma desapropriação (Enteignis), na medida em que pressupõe uma destruição e refundação.

Recebido em 19/05/2021

Aprovado em 02/12/2021

REFERÊNCIAS

DASTUR, Françoise. *Heidegger et la pensée à venir*. Paris: Vrin, 2011.

GIACCOIA, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos da Floresta*. Tradução: Irene Borges; Filipa Pedroso; Alexandre Franco de Sá; Hélder Lourenço; Bernhard Sylla; Victor Moura; João Costâncio. Lisboa: Editora Calouste Gulbenkian, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *La Historia del Ser*. Tradução: Dina V. Picotti C. Buenos Aires: Editora El Hilo Ariadna, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Meditação*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Heidegger e a questão da técnica*. São Paulo: Revista scientiæ studia, v. 5, n. 3, p. 369-74, 2007.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).